A PEDAGOGIA DE OYÁ: MULHERES NEGRAS E DESCONSTRUÇÃO DA ESTÉTICA DAS COLONIALIDADES NO CURRÍCULO E ENSINO DA COMUNICAÇÃO SOCIAL¹

Amine Jesus Fernandes Meira²
Eduardo Oliveira Miranda³
Universidade Estadual de Feira de Santana- UEFS

RESUMO

Essa escrita trata de como as colonialidades do ser, saber, poder e de gênero reverberam na formação mulheres negras estudantes de comunicação da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia- UFRB. É sobre corpo-território de mulheres negras e seus atravessamentos dentro da Universidade e possibilidades de resistências ativas dentro da das epistemologias inseridas nas áreas de conhecimento da Educação e Comunicação, na perspectiva de descolonizar currículos e cânones eurocentrados através da decolonialidade afro-brasileira.

PALAVRAS-CHAVE

Decolonialidade Afro-brasileira; Feminismo Negro; Corpo-território. Comunicação Social; Currículo

CORPO DO TEXTO

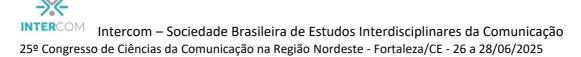
INTRODUÇÃO

Utilizando como pano de fundo o enegrecimento da universidade pública e a necessidade de romper com as formas de colonialidades na educação, realizo giro decolonial, voltando-me às epistemologias do sul e a Decolonialidade Afro-Brasileira, como guia de localização na feitura de pesquisa em Educação, que busca abordar os aspectos da formação em Comunicação Social Através de uma epistemologia afrobrasileira, presente na Universidade através de gerações de afrodescendente, problematizo de que forma corpos-territórios de mulheres negras no campo da comunicação podem decolonizar a perpetuação da estética eurocentrada em sua formação.

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho NE 03 Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico evento integrante da programação do 25° Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 26 a 28 de junho de 2025.

² Pesquisadora, Mestra em Educação e Relações Públicas-UEFS-Ba, aminefernandes@gmailcom

³ Professor Doutor na Universidade Estadual de Feira de Santana- UEFS, eduardomiranda48@gmail.com.



Assim, considerando a constituição da Comunicação Social como área de conhecimento depara-se com os contrastes evidentes vivenciados por corpos-territórios subalternizados que estudam, se especializam e reproduzem esse conhecimento na vida profissional, mesmo sofrendo com as implicações das colonialidades. Um corpo-território que já foi transpassado pelo racismo e sexismo encontra na formação em comunicação mecanismos de racismo epistêmico, estruturas dentro da universidade que foram projetadas para e pela branquitude para manter estruturas sociais opressoras e desiguais.

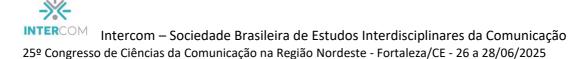
Diante desse contexto envolto pelas opressões das colonialidades, faz-se necessário Decolonizar o Currículo! Por meio da Decolonialidade Afro-brasileira traço os caminhos para educação, que privilegia o conhecimento que foi alijado pelo processo colonial. Os saberes outros, desde África, baseada na tecnologia Yorubá, que confrontam o saber e poder universalizante estabelecido pela Modernidade. Contrariando as epistemes eurocêntricas e subvertendo a ordem do epistemicídio, que como explica Carneiro (2005), se trata da anulação e descrédito dos saberes dos povos colonizados, subalternizando não só em suas existências, mas a construção de suas tecnologias, taxadas de primitivas, que leva a inferiorização intelectual.

OBJETIVO

Através de uma epistemologia afro-brasileira, que pulsa segundo Narcimária Patrocínio Luz (2013), nas territorialidades negras, nas suas células comunitárias, e que contemporaneamente entra na Universidade através de gerações de afrodescendente, postulo como objetivo de que maneira pode-se decolonizar a perpetuação da estética eurocentrada na formação de corpos-território de mulheres negras estudantes de cominicação. W ainda assim, identificar as colonialidades e cartografar suas implicações nos corpos-territórios de estudantes de comunicação através do método da soicopoética.

METODOLOGIA

O método utilizado na pesquisa foi a sociopoética, que compreende método que se baseia em cinco princpios, preconizado por Jacques Gauthier sendo eles, a instituição do dispositivo do grupo-pesquisador, "que garante que cada participante da pesquisa está ativo em todas suas etapas", (2014, p. 74). A valorização das culturas subalternizadas e



de resistência, como diz Gauthier, aponta para outras maneiras de interpretar o mundo, especialmente as que foram colonizadas. Indo ao encontro do que foi afirmado pelo autor, entendo que pesquisa com o corpo inteiro, pressupõe uma responsabilidade ética, política, neoética e espiritual com o grupo-pesquisador.

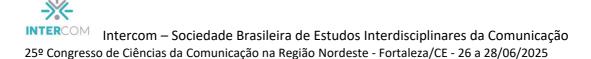
Ao escolher a Sociopoética como abordagem que dialoga com a cosmopercepção afrobrasileira, prôpus como técnica de produção de dados "A transmutação de Oya: a mulher búfalo". Assim, a partir do princípio cosmológico de Oya, a Iansã, tendo como inspiração o itan em que Oyá se transforma em búfalo utilizei o desenho livre, como instrumento para cartografar os dados necessários e realizar as vivências. No estudo, utilizando a sociopoética para despertar de corpos-territórios como metodologia, foram realizados em dois encontros em sala de aula, em que o itan foi lido e interpretado por cada copesquisadora, através de um tema gerador para discussão elaboração de impressões através de seus desenhos. A partir de um todo do que foi produzido e individualmente essas impressões foram interpretadas. Em tempo, é necessário evidenciar, que entendo que currículo está não apenas no projeto pedagógico e nas ementas dos componentes curriculares, mas está na sala de aula, na dinâmica empreendida pelos docentes como também na complexidade das relações que formatam o curso, assim além confrontar o projeto pedagógico que está descrito e documentado, a experiência das co-pesquisadoras com currículo é fundamental para a compreensão dos silêncios e apagamentos epistemológicos, A partir de uma compreensão que resultou no confeto, conceito e afeto, em que apontei as colonialidades que atravessam os corpos-territórios de mulheres negras estudantes do curso de comunicação, ao passo em que, em outra extremidade observei os caminhos para decolonizar a perpetuação da estética das colonialidades em suas formações. Voltada para o Sul, em uma decolonização baseada na pedagogia de Oyá, preconizada na tessitura da dissertação de mestrado, vislumbrei que através da fonte epistemológica da ancestralidade, da potência da memória, da força do aquilombamento e da energia da resistência, podemos perpetuar nossas existências, saberes, afetos, identidade e nossa grandeza em todos espaços, seja na academia ou mesmo no mercado de trabalho.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA/ RESULTADOS E DISCUSSÃO

Quando pesquisamos com mulheres negras estudantes do curso de Comunicação Social, acionamos o seu corpo-território em pesquisa nos parâmetros da Decolonialidade Afrobrasileira. Apontamos para seus corpos-territórios em totalidade, para seu mundo sensível, seus espaços, seus saberes, a extensão de suas crenças, afetos, e as complexidades de suas existências para dimensionar e reformular currículo .Ao deparar com a estrutura do Currículo dos cursos de Comunicação da UFRB- Jornalismo e Publicidade e Propaganda, através de um pesquisa documental da estrutura do curso e projeto pedagógico, percebe-se que não existe de forma explicita nenhum componente que evidencie tratar as relações étnico-raciais ou o que preconize as Leis 10.639/03 e 11.645/08. O que não implica que os docentes, não possam ter introduzido leituras ou direcionado conteúdos que trate do assunto, pois o currículo em sua fluidez agrega esse diálogo com a sala de aula. Entretanto, o que se pode verificar que no projeto pedagógico é que não há nenhum indicativo que deixe evidente epistemologias negras ou diálogos com autores negros. O que me leva a pensar que há um apagamento ou silenciamento de conteúdos que contém mídias e relações étnico-raciais, feminismo negro.

Seguindo esse direcionamento para experimentar inversões pedagógicas, aqui em sopros de ventos insubordinados, ventos de desobediência epistemológicas, ventos do princípio cosmológico de Oyá. A partir desses deslocamentos estão implicadas novas maneiras de se elaborar concepções curriculares, que reformulam os processos de instrumentalização do mesmo no Curso de Comunicação Social.. De certo, o saber comunicacional é arquitetado e balizado pelo mercado (Sodré, 2014). Nessa perspectiva, busco tensionar as bases de uma formação essencialmente forjada nas colonialidades imbricadas nas articulações do Mercado para decolonizar o currículo em seu formato instrumental funcionalista, preconizando, assim, o princípio cosmológico de Oyá.

É partir da compreensão da pedagogia de Oyá, Yansã, para se articular a construção ou desconstrução do currículo do curso de Comunicação Social da UFRB, com enfoque nos corpos-território de mulheres negras. O princípio Cosmológico de Oyá nos conta de uma tecnologia que carrega uma força primordialmente feminina, poderosa e destrutiva de enfrentamento, de mudança. Força fundamentada nos ventos, tempestades, no fogo, raio e trovão. É o fundamento que destrói para que sejam construídas outras possibilidades. É



o fogo que incendeia o campo para que rebrote a vida. Oyá é a guerreira elementar que nos direciona nesse decolonização pedagógica de estruturas desumanizantes que permeiam as colonialidades presentes nos cânones da Comunicação Social.

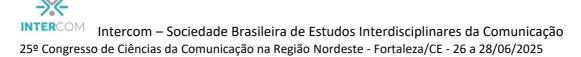
Podemos constatar historicamente que para sua funcionalidade a universidade prima por ratificar a razão do Estado, subjugando, destruindo outras formas de organizações e existências que anunciam outra episteme civilizatória. Por isso mesmo, produz-se e aplica-se uma retórica taxonômica, criada para assegurar os índices de ideais de comportamento e valores que promovam a ordem e normalidade da razão de Estado e seus tentáculos neocoloniais. Ancoradas a essas expectativas, as universidades estabelecem normas de conduta, no sentido de reprimir aqueles de divergem ou desviam das prescrições epistemológicas consagradas (Luz, 2013, p.176).

Luz (2013) entende que a Universidade é como a Casa Grande, estruturada, deste modo, em concepções racistas e neocoloniais que consolidam normas, ritos e práticas que buscam manter o outro como o diferente. Sobre este tema Souza (2021) pontua, que o negro é sempre o diferente, o que fere a norma. O que implica dizer que sendo casagrande a Universidade não foi "feita" para corpos-territórios diferentes ou melhor, corpos-territórios negros, aqui, de mulheres negras. O que implica nessa estrutura que leva a exaustão e ao cansaço. Logo esse corpo em especifico, precisará lutar, se esforçar e fazer um movimento de grande sacrifício para poder estar ali. A Casa Grande tem seus mecanismos em que negros podem servir, conviver dentro dela, mas não é o ambiente feito para esse corpo-território possa florescer.

É sobre denegrir, através da decolonialidade Afro-Brasileira, da Pedagogia insurgente para se romper com o pacto narcisístico da branquitude, ir de encontro ao silenciamento e apagamento, consequência do mito da democracia racial dentro da Universidade. É ir conta aos racismos que excluem e as colonialidades que atenuam e impedem corposterritório de mulheres negras expandirem seu conhecimento dentro do curso.

Aqui propus esse movimento no campo político/epistemológico a partir da decolonização e os seus intentos, construindo, deste modo, movimentos como a Pedagogia de Oyá, para romper e tensionar as colonialidades presentes na curricular e pedagógica do campo da comunicação social. Sobre decolonização do currículo Gomes elabora, que:

"Só é possível descolonizar os currículos e o conhecimento se decolonizarmos o olhar sobre os sujeitos, suas experiências, seus conhecimentos e a forma como produzem.



Portanto, a compreensão de que existe uma perspectiva negra deolonial brasileira significa reconhecer negras e negros como sujeitos e seus movimentos por emancipação como produtores de conhecimentos válidos que não somente podem tensionar o cânone, mas também o indagam e trazem outras perspectivas e interpretações "(2023, p. 235). Reconhecer outras possibilidades, o corpo-território, perceber outros sentidos, se afirmar enquanto mulheres negras é uma potência. É uma potência e uma atitude libertadora gerar conhecimento a partir de saberes que estão além de uma cosmovisão dicotômica, monista, aliada aos interesses imperialistas e liberais, que só entendem o que eurocentrado e produzido pela branquitude. Corpos outros, de mulheres negras que possuem outras vicissitudes, que sentem as dores e as exigências a partir da perspectiva dos corpos oprimidos, subalternizado.

Assim, urge outra abordagem dentro das áreas de conhecimentos, especialmente as alicerçadas em cânones do eurocentrismo, marcados pelos caprichos do Mercado e do capitalismo como a Comunicação Social, tanto na formação quanto no forjamento de profissionais. Observo, que denegrir vai além da representatividade do quadro de apresentadores ou de destaques na mídia, denegrir é ir á fundo na produção de racismos, na feitura dos profissionais, do conhecimento, dos cânones e do SABER.

Para não encerar e propagar ventos decoloniais, aponto a pedagogia de Oyá, que incinera, queima o chão para que rebrotem, para que ressurjam novas possibilidades epistemológicas denegridas, em que mulheres e corpos-territórios outros sejam evidenciados em suas subjetividades e sensibilidades dentro do campo da Educação e da Comunicação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS OU CONCLUSÃO

Para não concluir, pois não há conclusão quando entregamos as palavras ao vento feito orixá, Assim, apontei as colonialidades que atravessam os corpos-territórios de mulheres negras estudantes do curso de comunicação, ao passo em que, em outra extremidade observei os caminhos para decolonizar a perpetuação da estética das colonialidades em suas formações. Voltada para o Sul, em uma decolonização baseada na pedagogia de Oyá, vislumbrei que através da fonte epistemológica da ancestralidade, da potência da memória, da força do aquilombamento e da energia da resistência, podemos perpetuar



Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste - Fortaleza/CE - 26 a 28/06/2025

nossas existências, saberes, afetos, identidade e nossa grandeza em todos espaços, seja na academia ou mesmo no mercado de trabalho.

Assim, arremato essa inconclusão desejando que os ventos de Oyá nos elevem e expandam. Que as minhas palavras, ditas, escritas, ou pensadas e o saber gestado e engendrado, enquanto uma pesquisadora negra sejam propagados em ventanias decoloniais, de que é necessário descolonizar currículos, cânones, intenções, quereres, sentimentos, no campo da Educação e da Comunicação

REFERÊNCIAS

ADAD, Shara Jane Holanda Costa. Tudo que não inventamos é falso: dispositivos artísticos para pesquisar, ensinar e aprender coma sociopoética. 2014.Fortaleza. Ed EDUECE.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. A Construção do outro como não ser como fundamento do ser. Tese- Programa de pós-Graduação em educação, Universidade de São Paulo, 2005.

CARNEIRO, Sueli. Racismos, sexismo e desigualdade no Brasil. São Paulo. Selo Negro, 2011 GAUTHIER, Jaques. O Oco do Vento. Metodologia da pesquisa sociopoética e estudos transculturais. 2012. Curitiba. Ed. CRV.

GONZALES, Lélia. Por um Feminismo Afrolatinoamericano: ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: Ed Zahar, 2020.

GONZALEZ, Lélia. Primavera para as rosas negras: Lélia Gonzalez em primeira pessoa. São Paulo: Diáspora Africana, 2018.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. Pensamento Feminista Hoje: Perspectivas Decoloniais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

HOOKS, bell. Ensinando a transgredir. A educação como prática da liberdade. São Paulo. Ed. Martins Fontes. 2013

LUZ, Narcimária Correia do Patrocínio. É preciso africanizar a universidade. IN: LUZ, Narcimária Correia do Patrocínio. Decolonização e Educação: diálogos e proposições metodológicas. Ed. CVR, Curitiba, 2013

MIRANDA, Eduardo Oliveira. Corpo-território & Educação decolonial: proposições afrobrasileiras na invenção da docência. Salvador: UFBA 2020.

MIRANDA, Eduardo Oliveira. Epistemologias dos Odus e Decolonialidade Afro-brasileira. Revista estudos Literários, UFRJ, Vol. 04, nº 11, Rio de janeiro, 2022. Disponível em: https://revistas.ufrj.br/index.php/estudoslibertarios/article/view/53236. Acesso em: 20 de fevereiro de 2024..

OYERONKE, Oyewumi. A invenção das Mulheres: Construindo um sentido africano para discursos ocidentais de gênero. Rio de Janeiro. Editora Bazar do Tempo. 2021

PARIZI, Vicente Galvão. O livro dos Orixás: África e Brasil [recurso eletrônico] / Vicente Galvão Parizi -- Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2020

PRANDI, Reginaldo. Mitologia dos orixás. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SODRÉ, Muniz. Reinventando a educação: diversidade, decolonização e redes. Petrópolis: Vozes, 2012.

SODRÉ, Muniz. Pensar Nagô. Petrópolis. Ed. Vozes. 2017.

SODRÉ, Muniz. O terreiro e a Cidade: A forma social negro-brasileira. Rio de Janeiro. Ed Mauad. 2019.

SODRÉ, Muniz. A ciência do Comum: Notas para o método comunicacional. 2 ed. Petrópolis: EditoraVozes.2019.

SOUZA, Neusa Santos. Tornar-se Negro. Rio de Janeiro. Editora Zahar. 2021

TORRICO, E. Comunicação organizacional e decolonialidade: desafios para uma intersecção viável. Organicom, [S. 1.], v. 18, n. 37, p. 14-22, 2021. DOI: 10.11606/issn.2238-



INTERCOM Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste - Fortaleza/CE - 26 a 28/06/2025

2593.organicom.2021.190356. Disponível em:

https://www.revistas.usp.br/organicom/article/view/190356. Acesso em: 20 de fevereiro de 2024,